

AUDIO CINEMA EM CASA

WWW.AUDIOPT.COM • REVISTA DE AUDIO, CINEMA EM CASA E NOVAS TECNOLOGIAS

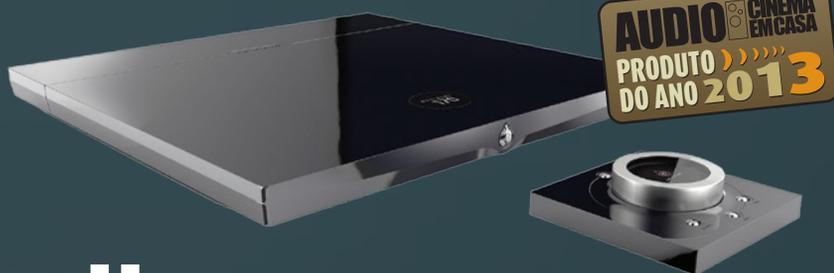


Televisores 4K da Sony e da Panasonic em teste



AUDIO SHOW 2013

REPORTAGEM COMPLETA DO AUDIOSHOW 2013



AUDIO  CINEMA EM CASA
PRODUTO DO ANO 2013

Kronos Audio

A referência absoluta

Prêmios Audio 2013

OS MELHORES PRODUTOS TESTADOS NO ANO ANTERIOR



N.º 244 • ANO 24 • BIMESTRAL • 4.00 €
JANEIRO/FEVEREIRO 2014
WWW.AUDIOPT.COM



Ainda nesta edição:

IFi audio iLink/iUSB/Gemini

Elipson Planet L+Music Center

ATC SCM 11 • Panasonic TX-L65W600E

Sony KD-55X9005A • Asus Xonar Essence STU

Kronos Audio, uma referência absoluta

Jorge Gonçalves

O áudio analógico em vinilo tem demonstrado uma capacidade de sobrevivência que ultrapassa em muito tudo o que muitos previram, não só há cerca de trinta anos, quando o CD foi lançado, como durante a década de noventa, quando ele estava no seu auge, ou seja, que iria desaparecer do mapa em apenas alguns meses. Pois, tantos anos passados, o número de gira-discos novos lançados anualmente continua a ser assinalável, talvez mais que no início dos anos oitenta, e uma grande parte dos novos lançamentos têm lugar ao mesmo tempo em CD e em vinilo. E, situação que alguns poderão considerar estranha, quando se pensa que o LP era um formato bem maduro quando o CD foi lançado, a qualidade, quer dos gira-discos quer dos braços e cabeças, tem subido permanentemente, tor-

nando possível extrair cada vez mais informação dos sulcos dos discos.

As evoluções em tecnologia dos materiais e nos processos de fabrico tornam possível que os gira-discos se transformem cada vez mais em verdadeiras máquinas de precisão que, não só colocam os discos pretos a rodar a uma velocidade extremamente estável, como imprimem cada vez menos uma assinatura sónica nos resultados da reprodução. E isto porque as técnicas de amortecimento de vibrações são cada vez mais sofisticadas e, por exemplo, as suspensões têm sofrido verdadeiras revoluções ao longo de todo este tempo. E temos de ter em conta que na leitura de um disco de vinilo entramos em linha de conta com valores de sinal da ordem das décimas de milivolt, pelo que qualquer influência externa se torna imediatamente detectável assim que esses sinais sejam amplificados para níveis audíveis.

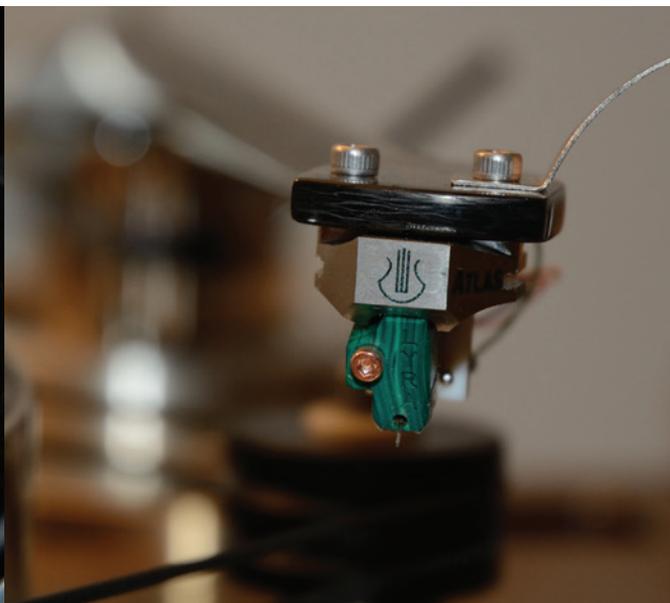
Descrição técnica

O Canadá é, desde há alguns anos, um país que tem dado importantes contribuições para o mundo da alta-fidelidade. Assim de repente posso lembrar nomes como a Classé, a Mirage, a PSB, a Paradigm, a Bryston, a Sonic Frontiers, e seguramente que vários outros nomes virão à baila após alguma pesquisa. Mas falta aqui um grande nome do mundo analógico que no final dos anos oitenta fez furor na reprodução de discos de vinilo com os seus originais gira-discos – a Oracle, fundada por Marcel Riendeau, um nome mítico do *high-end*.

E, coincidência ou não, não é que da mesma região francófona de onde nos surgiu a Oracle, o Quebec, aparece um outro fabricante de gira-discos, a Kronos Audio, com um produto extremamente original e que tem deixado todos os que o ouvirem completamente rendidos, tal como acon-



teste **Kronos Audio**



teceu no último Audioshow. E eu posso confessar, depois de ter tido o privilégio de conviver com ele durante mais de duas semanas, que todos os elogios que possam fazer ao gira-discos Kronos são perfeitamente justificados

O Kronos tem como grande originalidade o facto de ter dois pratos a girar em sentidos opostos e exactamente à mesma velocidade. Segundo Louis Desjardins, o fundador da empresa e responsável pelo projecto do gira-discos, as estruturas convencionais dos gira-discos, mesmo as que recorrem a suspensões altamente sofisticadas, têm todas vários inconvenientes, o mais importante dos quais é a força torsional resultante do esforço exercido sobre o prato, normalmente através de uma correia, para o fazer girar. Claro que esta força torsional pode ser eliminada se se utilizar a tracção directa, uma técnica desenvolvida pela Technics já há uns anos, mas nesse caso temos as microvibrações originadas pelo motor a serem transmitidas ao prato e ao braço e a colorirem o som.

Os dois pratos utilizados, exactamente iguais e girando à mesma velocidade, cancelam não só as forças torsionais como as microvibrações, já que em ambos os casos temos efeitos em oposição de fase que se cancelam directamente. Cada prato é construído recorrendo a duas camadas de alumínio com uma placa de material fenólico no meio. Os dezoito parafusos que ligam o prato inferior ao superior exercem ao mesmo tempo uma pressão uniforme sobre o material fenólico e eliminam deste modo qualquer ressonância. O material fenólico utilizado é muito semelhante ao substrato de alguns circuitos impressos e foi escolhido devido ao facto de ter propriedades únicas – não se expande nem se

contraí depois de fabricado industrialmente, formando assim uma camada amortecedora óptima entre as duas peças de metal. Cada prato pesa quase 14 kg, contribuindo assim de maneira sensível para os 41 kg de peso total do Kronos.

Os cortes na estrutura do gira-discos ajudam a baixar o peso, mas a ideia principal que presidiu à sua existência, para além dos conceitos estéticos, tem a ver com a definição do ponto de equilíbrio do peso do gira-discos no centro geométrico exacto dos pratos, ou seja, no veio de rotação. Os dois chassis superior e inferior do Kronos estão suspensos em cada canto através de 16 *O-rings*, num total de 317 dispositivos destes, fabricados a partir de uma mistura de silicone e viton e montados em pilares de altura ajustável para um perfeito nivelamento do chassis. Dois motores suíços de alta precisão com nada menos de 2432 escovas de metal precioso, fazem rodar os pratos através de duas correias de viton – no início Louis utilizava três correias mas após algum tempo retirou uma delas porque achou que assim tinha melhores resultados. Cada motor está montado sobre uma suspensão elástica de delrin. A velocidade de cada prato é controlada através de um sensor óptico que a cada duas rotações envia informação para um controlador incluído na fonte de alimentação externa de corrente contínua e é indicada em dois mostradores a LED de sete segmentos de cor vermelha. Os dois veios de aço endurecido, do tipo invertido, são independentes e apoiam-se numa esfera cerâmica que gira num banho de óleo de alta viscosidade.

Em termos práticos, as instruções de montagem do Kronos são um modelo de detalhe, incluindo fotografias que ilustram

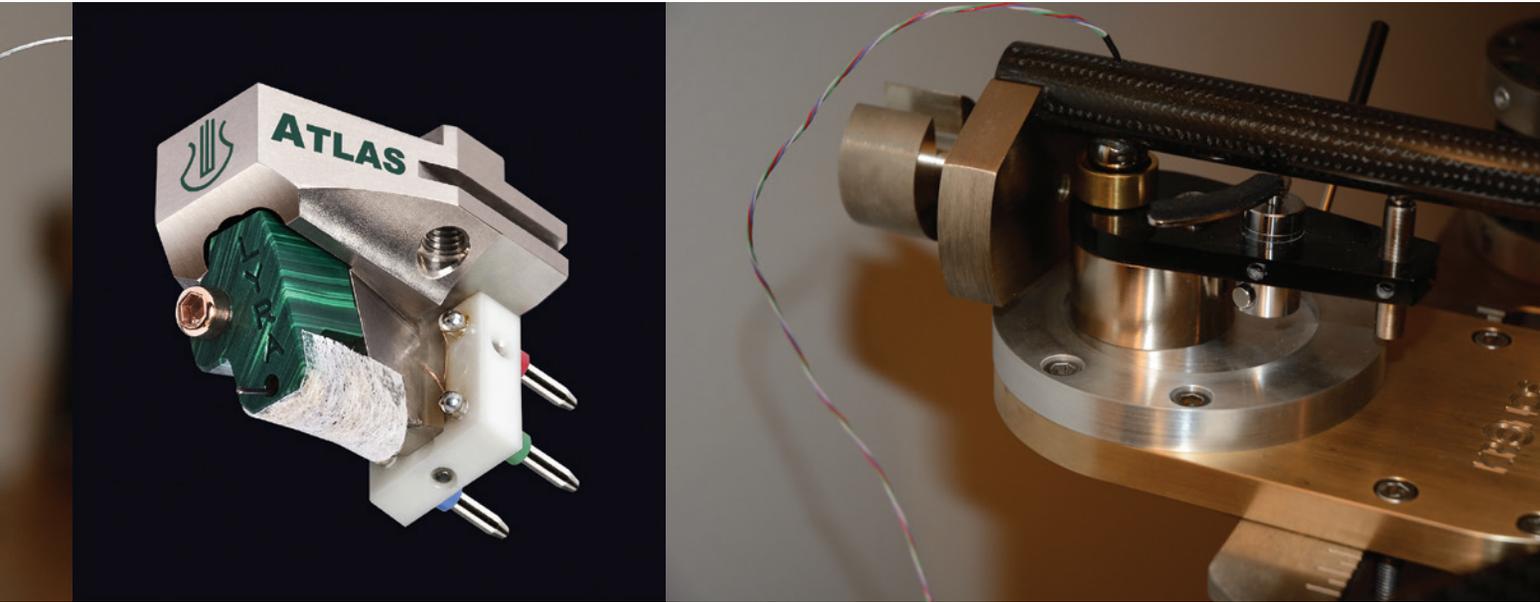
passo a passo as diversas fases, isto embora o comprador de uma máquina destas tenha seguramente a mesma facilidade que eu tive e que consistiu na deslocação a minha casa do António Almeida e do Nuno Cristina, da Ajasom, empresa que apresenta a Kronos Audio em Portugal.

O Kronos aceita braços de 9 ou 12 polegadas e no meu caso vinha equipado com um original braço de 12 polegadas, designado Black Beauty (onde é que eu já ouvi este nome?) fabricado em quantidades limitadas por André Theriault, um amigo de Louis Desjardins, e distribuído em exclusivo pela Kronos Audio. E vou utilizar as palavras deste último, numa mensagem que me enviou, para descrever o braço.

O Black Beauty é um braço do tipo *uni-pivot* invertido com duas características originais:

1 – Coloca o *pivot* exactamente à mesma altura do ponto de contacto entre a agulha da cabeça e o sulco do disco, com o centro de massa do braço exactamente no mesmo ponto. Deste modo consegue-se uma capacidade de deslocação sem precedentes da agulha sobre o disco, uma vez que a aquela está sempre como que num estado de repouso sobre este, e daí resulta uma extraordinária estabilidade.

2 – O tubo do braço é construído manualmente a partir de fibra de carbono e é quase sólido, apenas com um estreito orifício interno para a passagem dos fios de ligação à cabeça. Deste modo obtém-se uma integridade estrutural e uma rigidez sem precedentes – o tubo do braço resiste a cargas de até 200 kg! Ao mesmo tempo, o tubo é naturalmente não ressonante, uma vez que as fibras de carbono são dispostas de um modo não alinhado e a estrutura do braço é ligeiramente cónica,



o que cancela eventuais ondas estacionárias. É possível ajustar quer o VTA quer o VTF quer o azimute, mas não é necessário ajustar o *anti-skating*, em face de a agulha estar em estado de quase repouso sobre o disco, seja qual for a zona deste que está a ser lida. É possível ajustar o ângulo da cabeça em cerca de 5 graus ao nível da concha de montagem.

O Kronos vinha equipado com uma cabeça Lyra Atlas, o topo-de-gama da marca. Esta é a primeira cabeça com uma estrutura assimétrica, concebida de modo a que o parafuso que segura o íman frontal fique deslocado em relação ao percurso mecânico que vai do *cantilever* de boro para a estrutura em si da cabeça. Deste modo são suprimidas as vibrações e reflexões internas que poderiam manifestar-se como colorações e que são muitas vezes audíveis quando nos aproximamos da cabeça e a ouvimos «cantar». Ao mesmo tempo as estruturas direita e esquerda da Atlas têm formas diferentes e obviam a ocorrência de ondas estacionárias internas. A agulha é do tipo de contacto linear e o corpo da cabeça é em titânio. A tensão de saída é de 0,56 mV, a resposta em frequência de 10 Hz a 50 kHz e o peso de leitura deve estar entre 1,65 e 1,75 gramas, para uma carga resistiva aconselhada de entre 100 Ohm e 900 Ohm.

Audições

Depois de ter ouvido duas magníficas árias interpretadas pela Callas no sistema de Ajasom, que melhor «prenda» poderia eu receber senão ver aparecer na minha sala de audição não só o Kronos, com a combinação que acabo de descrever, como um sistema completo da Nagra com o amplificador de potência 300Bp, o prévio Me-

lody, a unidade de *phono* VPS e ainda a fonte de alimentação MPS. Uma verdadeira bandeja de iguarias que faria aparecer água na boca a qualquer um que goste de áudio. E as Quad 63 agradeceram penhoradamente, pois esta combinação da Nagra fê-las soar como poucas vezes o têm feito. Mas sobre os Nagra falarei num outro teste, a publicar no próximo número da *Audio & Cinema em Casa*. Para já falemos sobre o Kronos.

E que melhor elogio lhe posso fazer senão repetir aqui as palavras de Harry Pearson, da *Absolute Sound*: Este é o melhor gira-discos que eu *não* ouvi! E que significa isso, segundo o meu ponto de vista? Pois exactamente que seria mais fácil para mim falar do Kronos mencionando aquilo que ele não faz. E o que ele não faz é introduzir colorações, alterar o ritmo, transformar boas gravações e/ou interpretações em coisas vulgares ou qualquer outra coisa menos boa de que se queiram lembrar. Para mim, a frase transcrita acima tem muito a ver com o verdadeiro truque de magia que esta impressionante peça de tecnologia consegue fazer e que consiste em desaparecer no ar completamente, sem deixar qualquer rasto de si e como que deixando apenas (se tal fosse possível) a agulha em cima do disco. E como soa bem esta «ausência»! Que naturalidade emana da música analógica assim reproduzida, que verdadeiro gozo musical foi ouvir alguns dos discos que conheço tão bem (ou achava que conhecia) a soarem deslumbrantes, cheios de musicalidade, com nuances que tão bem me faziam sentir sentado no meu sofá favorito e na minha sala favorita. Só quando se tem uma capacidade tão soberba de reproduzir discos analógicos na nossa fren-

te, um silêncio tão silencioso que perante ele todos os outros pareceriam «ensurdecedores», como se dizia noutros tempos nos meandros políticos, se pode perceber aquilo que não tivemos antes. E, desse e de outros pontos de vista, este gira-discos foi seguramente, nos últimos anos, a peça que mais pena me causou quando saiu de minha casa. O digital pode ter avançado muito, a música de alta resolução já atingiu um nível de performance que nos faz muitas vezes sentir que temos perante nós um verdadeiro *master* de estúdio, mas ouvir discos de vinilo num equipamento destes transporta-nos a outra dimensão. O analógico tem realmente a qualidade única de conseguir fazer-nos recordar que a música é uma arte e que, como tal, pode elevar-nos emocionalmente para níveis sublimes quando bem interpretada. Claro que não vou cometer a heresia de dizer que um gira-discos é um intérprete musical mas, em termos de analogia, ouvir este Kronos é como se pudéssemos usufruir do privilégio de ter ali na nossa frente um dos grandes intérpretes tais como um virtuoso do violino, do piano, ou mesmo um grupo de músicos a tocar em exclusivo para nós. E essa é uma sensação única e inesquecível.

E, depois de todas estas palavras, corroboradas por um dos meus amigos que me visitou durante uma das sessões de audição, que posso eu dizer sobre as peças musicais que ouvi?

Pois, começando pelas minhas já por mim tão citadas *Danças Sinfónicas de Rachmaninof*, uma gravação da Athena, nunca o crescendo orquestral que surge depois de alguns minutos de preparação me souu a um tempo tão enérgico e tão natural, como que saído do nada, isto muito em es-

teste

Kronos Audio

pecial porque toda a fase inicial, com sons de nível extremamente reduzido, soa tão natural, tão bela e envolvente que o contraste com essa forte alteração dinâmica se torna muito mais evidente, ainda que, de um modo quase paradoxal, igualmente de uma energia verdadeiramente avassaladora. Se o silêncio deste Kronos é algo tão notável, o que igualmente tem de se constatar é que a sua capacidade dinâmica parece quase ilimitada, o que tem tudo a ver com a música real que, como dizem muitos dos grandes compositores, é feita de silêncios, exactamente porque são esses silêncios que providenciam os contrastes com os momentos dinamicamente mais intensos.

Passando agora a um outro género, chegou a vez de falar de Patricia Barber, em *Café Blue*. E comecei por me recostar o mais possível e quase engolir em seco perante as inolvidáveis texturas musicais e a coerente, ampla e simultaneamente transparente imagem espacial. A sensação metálica e o tinar dos pratos no início de *Too Rich for My Blood* era tão aparentemente real que quase que era impossível fazer qualquer tipo de distinção entre ter o instrumento na nossa frente ou ouvi-lo através do sistema. Ao mesmo tempo, as texturas da gama média estavam repletas de sons de veludo, quentes e envolventes como um bom cobertor numa noite de inverno e o impacto dos graves quase que fazia os pêlos dos braços levantarem-se.

Continuando num tema e género que é muito da minha predilecção, posso mencionar em seguida o LP *The Timekeepers – Count Basie Meets Oscar Peterson. I'm Confessing* é uma faixa de que sempre gostei muito, e ouvida neste Kronos foi como que ver com os meus próprios olhos Oscar Peterson a passar as mãos pelo teclado do piano, com uma sensação de correcção e calor emocional que convidava a bater palmas e a pedir bis. Se chegar a este ponto de envolvimento emocional com a música, recriando na nossa frente o acontecimento musical era uma das finalidades do Louis Desjardins quando se converteu de fotógrafo profissional em projectista de áudio, então esse objectivo ficou perfeitamente atingido com a construção do Kronos. É realmente gratificante sentir que este fabuloso gira-discos consegue pôr em prática um dos objectivos primordiais que o *high-end* tinha em vista quando foi criado aqui há cerca de quarenta anos. Valeu a pena esperar por este momento e sinto-me verdadeiramente feliz por me ter sido possibilitado participar

em tantas e tão boas audições de música. E, a talhe de foice, cito ainda a última faixa do lado A deste disco, *Rent Party*, na qual temos uma maravilhoso dueto de pianos, um mais do lado esquerdo, outro mais do lado direito. E digo isto porque o que se ouve não é exactamente um som vindo de uma coluna e outro proveniente da outra, antes pelo contrário: Basie, mais do lado esquerdo, começa a dar o mote para um tema de um modo muito suave a natural e, pouco depois, Oscar entra, pega nesse tema e desenha em vota dele aquelas filigranas que só ele é capaz de fazer, fazendo-me olhar algo mais para a direita mas sem nunca deixar de sentir o conjunto. Não é fácil descrever por palavras o que senti durante aqueles mágicos minutos de audição, com as Quad a colocarem-me ali na frente as cordas e os martelos do piano quase no tamanho natural e a fazerem-me ouvir de um modo quase incrível o bater do pé de Basie. E quando entram a bateria e o contrabaixo fica mesmo tudo em família, como é normal acontecer quando se juntam grandes intérpretes de jazz. O baixo soava maravilhosamente acústico, sem qualquer nota de exagero ou coloração: natural, cheio, pleno de diversidade tonal, expressivo e muito presente. Uma interpretação maravilhosa realçada por um equipamento de reprodução não menos fabuloso. Isto, meus amigos, é o som analógico em toda a sua glória. E soube-me tão bem que nem me vou penitenciar por não falar em relação preço/qualidade num equipamento deste nível de preços. E isto porque o Kronos é tão bom que está para além de qualquer consideração de preço, tal é o prazer que ouvir discos nele dá.

Como viram, poupei-os a não sei quantos milhares de caracteres descrevendo a instalação do gira-discos, as afinações e assim por diante. Isto porque o privilégio de que falei acima (ter os equipamentos transportados e instalados em minha casa pela Ajasom) me permitiu dedicar-me única e exclusivamente a apreciar a sua performance. Não acontece muitas vezes e, exactamente por isso, quando acontece sabe muito bem. E poupei-os igualmente às muitas e muitas mais palavras que seriam necessárias para descrever as imensas horas de prazerosa audição que o Kronos me proporcionou. Mas nunca porque os leitores da *Audio & Cinema em Casa* não as mereçam – apenas porque não há palavras suficientes que descrevam em toda a glória uma fonte de áudio deste calibre.

Mal ficaria, porém, que eu não desse uma oportunidade à minha cabeça actual, a van den Hul Colibri, de poder mostrar tudo aquilo que vale, uma vez que o Kronos e o Black Beauty só poderiam potenciar aquilo que eu já conhecia sobre a performance da Colibri. A instalação da Colibri no Black Beauty foi muito facilitada não só pelas facilidades de ajuste do braço como pelo facto de a Ajasom ter deixado comigo uma bitola de ajuste de grande precisão da DB Systems, bem como uma balança digital da Clearaudio para poder medir o peso correcto de leitura. No que se refere a resistência de carga, mantive os 300 Ohm que estavam na entrada da unidade de *phono* Nagra VPS, por não estarem muito longe daquilo que eu sei ser a carga óptima para a Colibri.

E como me senti recompensado por me ter dado ao trabalho de ensaiar a Coli-





bri no Kronos! As características principais desta cabeça assentam numa extrema precisão de traçado, com uma capacidade de recuperação de detalhes notável e uma energia avassaladora quando é necessário. Quando se comparam estas qualidades com aquilo que descrevi sobre o desempenho do Kronos rapidamente se conclui que deveremos estar perto de juntar a fome com a vontade de comer. E foi isso que realmente aconteceu: a velocidade normal da Colibri parece que tinha recebido uma boa dose de vitaminas e os sons saíam estonteantemente rápidos, tal como aconteceu, por exemplo, na interpretação de Henryk Szeryng do Concerto para Violino e Orquestra n.º 1, de Paganini: o violino atingiu uma perfeição quase líquida mas, ao mesmo tempo, quase que voava nas mãos do intérprete, bem como os crescendos orquestrais apareciam igualmente rápidos

e, ao mesmo tempo, com um nível energético que ultrapassava em muito o que eu estava habituado a ouvir. Apenas para citar um estilo e uma velocidade de execução bem diferentes, ouvir *Tenderly*, do LP *Ella and Louis*, foi uma situação altamente emocionante: aqui neste caso não é a rapidez que conta, antes pelo contrário – o ritmo é bastante pausado, mas o trompete de Louis fica tão nítido, tão cheio de *swing* que, combinado com as vozes sempre

expressivas de Louis Armstrong e Ella Fitzgerald me incutiram uma emoção e um bem-estar que apenas pedia que a música não acabasse e fosse pela noite dentro. Tanto que ouvi o LP todo e vários se seguiram nessa noite que foi bem longa e sempre emocionalmente proveitosa, embora a partir de determinado momento tivesse que baixar o nível, por respeito aos vizinhos e aos restantes habitantes da casa. E aqui descobri que, se as Quad conseguem soar muito bem mesmo a baixo nível, o Kronos consegue potenciar essa capacidade para um nível tal que causa admiração por sentirmos que, mesmo baixinho, toda a energia está presente e quase não perdemos pitada da música. E Oscar Peterson, de quem já tanto falei atrás, estava lá em toda a sua glória e com o seu quarteto a encher de harmonias e ritmo a minha sala de audição. Parafraseando o título

de um célebre álbum de José Afonso, estava sempre a apetercer-me dizer: Venha mais música!

Conclusão

O gira-discos Kronos é uma referência em termos absolutos: se pode chegar até ele não espere – o número total de unidades fabricadas é limitado (250) e quem ficar com uma delas tem a garantia de ter consigo um equipamento único que lhe dará muitas horas de boa música e que bate quase tudo o que eu já ouvi (e, se me resumir ao que já ouvi em minha casa, então esta afirmação assume mesmo um carácter absoluto). Em meu entender, esta é a referência porque todos esperávamos desde que o Goldmund Reference deixou de ser fabricado. Ainda não ouvi o Air Force One em minha casa e penso que não há muitas hipóteses de isso vir a acontecer mas, quando se tem em consideração a diferença de preços entre ambos, ficam poucas dúvidas sobre o valor absoluto da afirmação que acabo de fazer.

Gira-discos Kronos

Preço: 34.000 €

Braço Black Beauty

Preço: 9.000 €

Cabeça Lyra Atlas

Preço: 8.000 €

Distribuidor: Ajasom

Telef.: 214 748 709

www.ajasom.net

